

até que fosse atingido novamente 70% da nossa participação? Con-
vém lembrar que a CACEX obe-
dece normas de tradição para a im-
portação de vários produtos. Por
que os EE. UU. não adotam o mes-
mo critério com o café?

Interpelado sobre o seu ponto
de vista favorável à não celebra-
ção de acordos com os demais
países produtores de café, o sr.
Costa Lima disse que já integrou
várias comissões destinadas a elab-
orar acordos, e que sempre foi
favorável aos mesmos. No entanto,
a situação hoje difere da do pas-
sado e, além disto, tem provas ine-
quívocas que eles não funcionam
bem. Lembrou que da passagem
pela Venezuela, por volta de 1945,
foi visitar fazendas de café que
sabia ali existirem. No entanto,
não encontrou uma fazenda sequer
produzindo café, porém as estatís-
ticas mundiais da exportação do
produto acusavam vendas de um
milhão de sacas pela Venezuela.
Citou ainda outros exemplos que
provam que nem todos os acordos
são cumpridos à risca.

Acha o sr. Renato Costa Lima
que não é interessante ao nosso
País a retenção de 40% da produ-
ção cafeeira, enquanto outros sig-
natários do acordo retêm somente
15 e 10%.

OUTROS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO

Em outra ordem de considera-
ções, acrescentou o sr. Renato Cos-
ta Lima: «Tenho confiança no
futuro do café, porque acredito que
o governo encontrará novos pro-
dutos para alimentar a nossa
balança comercial, que possam no
futuro libertar o café do peso que
suporta, assim como do confisco
cambial que sofre. No setor da
agricultura, poderíamos incremen-
tar a plantação do milho, um pro-
duto básico de alimentação e ri-
co em derivados e sub-produtos.
Com o milho, poderíamos intensi-
ficar a criação de animais, que
nos fornecessem carnes para o
consumo interno as mais varia-
das, criando condições favoráveis
para a exportação da carne bovi-
na. Do milho, se extraem 14 pro-
dutos químicos de alto valor, e não
é demais dizer que as economias
russa e norte-americana, sem
contar a de outros países, repou-
sam principalmente, na produção
do milho. Por isso precisamos tra-
tar dessa cultura com mais cari-
nho. Ao invés de continuar produ-
zindo 3.000 quilos por hectares,
devemos conseguir o índice de
18.000 na mesma área, a exem-
plo dos EE. UU..»

INDÚSTRIAS AGROPECUARIAS

Citou o sr. Costa Lima a cana,
que poderia passar a ser a se-
gunda riqueza do Estado, depois
do milho. Dela se extraem ma-
térias primas importantes, como o
melaço, álcool, borracha sintética,
celulose e outras que poderiam ser
industrializadas com grande suce-
so. Em terceiro lugar, viria a plan-
tação de eucaliptos, também para
a exploração de celulose, cujas
peculiaridades locais são muito in-
teressantes, porquanto nos países
nórdicos o primeiro corte do pi-
nheiro para a extração da celulose,
dá-se depois de 70 anos do plan-
tio, e no Brasil, o eucalipto sofre
o primeiro corte com apenas 7 anos.
Portanto, sabendo-se que o mundo
sofre escassez de celulose, aí esta-
riam a cana e o eucalipto a nos
fornecer grandes quantidades dessa
importante matéria prima. A cana,
por seu turno, desenvolve-se sobre-
maneira no Estado. Ainda no ano
passado conseguimos 80 milhões de
dólares através da exportação de
produtos dela derivados.

Dessa forma — concluiu o sr.
Renato Costa Lima — libertaríamos
o café de todo o peso que carrega.
E, ainda mais, não credito que com
o estabelecimento dessas práticas,
perdurasse a super-produção que
atravessamos.»

Fosfato de Olinda

PENEIRA FINÍSSIMA

EQUIVALENTE AOS MELHORES FOSFÁTOS AFRICANOS

Sociedade Rural Brasileira

Rua Formosa, 367 - 19.º andar - Telefone 37-8191
São Paulo